

## **Propostas para a disciplina de metodologia científica: Redes, Conflitos e Interesses**

**Sandro Campos Neves**<sup>1</sup>

**Fernanda Beraldo Maciel Leme**<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo apresentar propostas sobre os conteúdos e aplicações da disciplina de Metodologia Científica nos cursos de graduação em Turismo. Para alcançar tal objetivo faz-se uma discussão teórica sobre os conceitos de método, saber e conhecimento e suas implicações na atualidade. Autores como Latour refletem sobre as centralidades, mediações, negociações, bem como os interesses envolvidos no processo de produção de conhecimento. Acrescentou-se aqui uma reflexão sobre a ética no processo de aprendizagem da Metodologia Científica. A formação acadêmica está inserida e insere o aluno nesta prática explicitamente nos estudos científicos metodológicos. O trabalho justifica-se, pois defende a ampliação das possibilidades de se tratar destas centralidades, mediações e negociações para que o saber produzido, posteriormente legitimado, aporte uma maior gama de interesses pertinentes à sociedade.

**Palavras-chave:** Metodologia Científica, Redes, Mediações, Interesse e Ética

### **Introdução**

Atualmente verifica-se a tomada de consciência da importância de se possuir na grade curricular dos cursos de graduação disciplinas que inserem o aluno nas práticas de construção do conhecimento, como indica Severino (2007 p.266). Para o autor, a prática de pesquisa constitui uma importante ferramenta de ensino, ou seja, ensinar pela mediação do pesquisar, mediante procedimentos de construção dos objetos que se quer ou necessita conhecer. Em outras palavras o conhecimento não seria a condição para o aprendizado, mas o seu processo. Através desse insere-se o aluno em um saber que é resultante de uma construção histórica e produzida por um sujeito coletivo.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia PPGA/UFBA. Professor do Curso de Turismo da UFRRJ. Email: sandrocamposneves@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Cultura e Sociedade UFBA. Bolsista FAPESB. Email: fermaciel@ig.com.br

Para Severino (Id. p.267) é necessário apresentar ao aluno o conhecimento como “única ferramenta de que o homem dispõe para cuidar da orientação de sua existência, sob qualquer ângulo que ela seja encarada”. Para o autor, é preciso que os currículos universitários contem, para tal feito, com conteúdos filosóficos que proporcionem esclarecimento crítico sobre as relações entre o epistêmico e o social. De forma semelhante, Rampazzo (2002 p. 26) defende que o saber justifica-se apenas quando é colocado a serviço do homem, quanto está voltado para servi-lo. Para o autor, o conhecimento cumpriria seu objetivo apenas quando estivesse voltado para o bem individual e coletivo.

Verifica-se assim, na bibliografia disponível, que diversos autores relacionam o processo de conhecimento com suas implicações sociais. O conhecimento é tratado como algo que estaria voltado para o bem comum, em última instância, bem como para o processo de aprendizagem individual do educando.

A metodologia científica, de acordo com Severino (2007 p.102) é:

[...] elemento fundamental do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la não só do senso comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte, a religião. Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permite o acesso a relações causais constantes entre os fenômenos.

Essa definição de método científico sugere também que há por parte do pesquisador uma postura de imparcialidade e até mesmo de certa passividade. As definições, em realidade, aprisionam a pesquisa científica na observação de regras e caminhos, deixando a criatividade de fazer parte do processo de investigação.

Ao analisar os conceitos de conhecimento, método e cientificidade, nota-se certo distanciamento com a proposta de se ter no saber uma ferramenta para se obter ganhos tanto para o ensino quanto para a sociedade. Para alcançar tais objetivos é preciso tanto ampliar conceitos, bem como entender as implicações atuais da ciência em nossa sociedade. É preciso entender as várias faces deste processo que é, ao mesmo tempo, uma construção individual e coletiva.

Algumas perguntas podem nortear este entendimento - como o conhecimento surge, passa ser considerado como correto e, posteriormente, disseminado? Um dos

maiores estudiosos sobre o tema na atualidade é Bruno Latour (2004). Para tal feito, o autor distingue em sua obra *saber e conhecimento*.

O saber advém de uma familiaridade com as coisas, pessoas, acontecimentos e lugares após diversos contatos com estes. Já o conhecimento se dá pela acumulação e capitalização. Nesta perspectiva, não é definido apenas como uma antítese à ignorância. As diversas áreas como política, ciência e economia convergiram na busca pela acumulação. A acumulação seria a capacidade de poder agir à distância, ou seja, sem necessariamente estar próximo a lugares, pessoas e acontecimentos, assim resultando na assimetria de certos lugares e a existência de um “centro” e de uma “periferia”. Os centros são como *nós* de uma rede que interliga a todos.

Como menciona Freire (2006), Latour participou da elaboração da chamada Teoria do Ator-Rede (TAR) que, apesar de entendida como metodologia, acabou alcançando o estatuto de teoria. De acordo com Latour não existe separação entre o mundo das “coisas em si” e o mundo dos “homens entre si”, já que tanto a natureza quanto os homens são efeitos de redes heterogêneas. Nos processos de comunicação são envolvidos tanto elementos humanos quanto não-humanos. A comunicação pode se dar de um indivíduo para outro, mas entre eles há mediadores como o papel, a impressora, a editora, que viabilizam este processo assim como aumentam a importância dada em se estabelecer a comunicação com aquele emissor.

Da mesma forma, a ciência atinge a sua dimensão social através da interação de interesses de diversos aliados. A ciência consegue assim, construir *fatós*. De acordo com Latour, “[...] a construção de um fato é algo tão coletivo que uma pessoa sozinha constrói sonhos, alegações, sentimentos, mas não fatos” (*apud* Freire, 2006, p. 50). Há a necessidade de uma rede de atores que sustentam estes fatos sendo, a disseminação deste conhecimento científico, a extensão desta rede.

Cabe também nesta extensão da rede que os fatos criados não sejam mantidos com certa imutabilidade, para tal feito é preciso que seja realizada uma operação de *tradução*. Esta operação consiste na “[...] interpretação dada pelos construtores de fatos aos seus interesses e aos das pessoas que eles alistaram” (*Op. Cit.* p. 51). Traduzir seria o ato de unir em rede elementos heterogêneos, novas alianças mediante persuasão. Desta forma, a ciência se consolida através de uma medida política de persuasão e

negociação. Mantém-se, porém, os interesses originais contidos na construção dos fatos como se estes não fossem políticos e se aproximassem ao máximo do natural - é neste jogo político do supostamente *apolítico* que consiste o poder da ciência.

A veracidade dos fatos científicos surge assim, como efeito das redes. Neste sentido, pode-se afirmar que ciência está entre a natureza e a sociedade, redistribuindo-as. A Teoria do Ator-Rede (TAR) seria então um caminho para identificar a construção dos fatos. Contudo, para Latour o termo “ator” deveria ser substituído pelo termo “actante” que envolve também seres inanimados. Isso porque, é considerado ator tudo que age e deixa um traço desta ação no mundo, que é mudado e modifica a rede. Desta forma, a noção de rede envolve alianças e dinâmicas, já que estes atores possuem a capacidade de interferir e sofrer interferências. Por isso, é preciso que o pesquisador se interesse pelo fluxo de agenciamentos presentes nas redes.

Utilizando-se das idéias e conceitos explanados por Bruno Latour em sua Teoria do Ator-Rede parte-se para uma perspectiva sobre a disciplina de metodologia científica do curso de Graduação de Turismo. Torna-se um desafio tratar a cientificidade considerando os mediadores, os interesses e as negociações que permeiam os conhecimentos legitimados. Somente superando este desafio será possível formar alunos que saibam lidar com as implicações éticas e sociais de suas pesquisas.

### **Ciência e Método no Bacharelado em Turismo**

Em relação à disciplina de metodologia da pesquisa em turismo não há diretrizes estipuladas para a sua formulação. Porém, a importância desta disciplina no curso de turismo é defendida por autores como Ada Dencker (2007), para a qual existe a necessidade de proporcionar aos acadêmicos instrumentos investigativos e sistemáticos com a finalidade de desenvolver seu espírito crítico-reflexivo acerca da realidade circundante. A autora ressalta ainda em sua obra que a pesquisa em turismo deve proporcionar subsídios para o planejamento da atividade turística, sempre visando a melhoria desta e suas interfaces.

Em relação aos métodos de pesquisa, Dencker (*Id.*) aponta que, devido ao fato do turismo ser estudado por diversas disciplinas, este conta com uma gama de teorias e

paradigmas empregados para explicá-lo enquanto fenômeno. Esta gama de teorias é também apontada por Moesch (2000), em sua obra *A Produção do Saber Turístico* na qual aborda a importância de cada uma delas para a gênese e concepção contemporânea da produção de conhecimento na área de turismo. Panosso Netto (2003) também discorre sobre a diversidade de teorias existentes possíveis de nortear os métodos de pesquisa. Segundo o autor, a validade de uma pesquisa deve ser analisada não tendo em vista apenas seus resultados, mas suas bases teóricas que dão fundamento à metodologia empregada. De acordo com estas reflexões, entende-se que as diversas teorias que orientam as metodologias de turismo devem ser pauta das aulas de metodologia nos cursos de turismo apresentando-se como fundamental para a formulação de metodologias de pesquisa adequadas aos objetivos propostos.

### **Propostas para o ensino metodológico nos cursos de turismo.**

A partir dessas reflexões será apresentada a seguir uma proposta de conteúdos, bem como de diretrizes para a disciplina de Metodologia Científica nos cursos de turismo. Essa proposta compreenderia:

- as teorias utilizadas como bases metodológicas não apenas do processo de pesquisa, mas do próprio processo de conhecimento (epistemologia);
- as redes, que interrelacionam pesquisadores e instituições no processo de conhecimento;
- as mediações, instrumentos e procedimentos por meio dos quais o conhecimento é produzido;
- os interesses, razões que dão causa ao início do processo de investigação e que motivam o pesquisador ao conhecimento em todas as etapas;
- as negociações, processos de interpretação e tradução por meios dos quais o conhecimento percorre seu caminho entre o pesquisador e as instituições e os alunos;
- a ética, como pauta fundamental para o amadurecimento da pesquisa realizada em acordo com as premissas de respeito à diversidade cultural, política, sexual, bem como pelas relações humanas envolvidas na pesquisa.

Esses pontos, vistos como importantes para a fundamentação de uma proposta de construção da disciplina de Metodologia Científica são vistas nesse trabalho como etapas inescapáveis do processo de produção do conhecimento, de acordo com as premissas destacadas por Latour (2004). São também etapas fundamentais para a formação de um profissional capaz de lidar com as questões de pesquisa de maneira construtiva, voltando-se para as finalidades do conhecimento conforme explicitadas anteriormente, os interesses e benefícios individuais e coletivos.

A seguir serão abordadas essas etapas de forma a esclarecer como são elaboradas na discussão para a construção da disciplina, destacando-se sua importância e as contribuições que pode prestar ao conhecimento dos alunos, bem como à sociedade.

## **As teorias**

O que comumente se chama de teorias, em metodologia, seria o corpo de proposições lógicas que sustentam uma determinada interpretação dos fenômenos, ou um conjunto de leis gerais, unificadas por sua capacidade de explicar uma vasta gama de fenômenos (RAMPAZZO 2002 p. 16). No entanto, o que se está chamando de teorias, de maneira mais ampla, nesse trabalho são não apenas os conjuntos de leis que colaboram na interpretação dos fenômenos empíricos relacionados à prática, mas os conjuntos de proposições teóricas que ajudam a compreender o processo de conhecimento e, portanto, de investigação científica, a epistemologia. Assim, pretende-se que a disciplina de metodologia científica aborde as teorias epistemológicas mais utilizadas pelas Humanidades, sobretudo para a construção de projetos de investigação no campo do turismo.

De acordo com Severino (2008 p. 111) entre os principais paradigmas epistemológicos utilizados para a construção de investigações e procedimentos metodológicos nas Ciências Humanas estariam: o funcionalismo, o estruturalismo e a fenomenologia.

O funcionalismo pode, embora comporte diversas sofisticções, ser resumido como o paradigma epistemológico que toma de empréstimo a analogia organicista para

explicar a sociedade. Assumindo que a sociedade se assemelha a qualquer tipo de organismo visualizado pelas ciências biológicas, o funcionalismo considera que a realidade social pode ser dividida em campos, que corresponderiam aos órgãos de determinado organismo. Esses campos funcionariam em relação de interdependência mecanicista. Seriam exploradas principalmente as relações funcionais (SEVERINO, 2008 p.113). Embora tenha sido fortemente criticada nas Ciências Humanas de maneira geral, assim como no turismo, não se pode perder de vista que essa teoria tem suas aplicações. O funcionalismo pode ser largamente empregado nos estudos de mercado, onde se estabelecem relações funcionais entre demanda e oferta, na construção da concepção de mercado.

O estruturalismo, cujas bases remetem ao antropólogo francês Claude Lévi-Strauss pode ser entendido com o paradigma cujas preocupações se orientam para os fenômenos de permanência. O estruturalismo parte do interesse pelas estruturas. As estruturas seriam aqueles aspectos da realidade social que permanecem de uma seqüência a outra de ocorrências. Dessa forma, as estruturas sociais não são exatamente as formas com que se articulam cada uma das sociedades, domínio este das relações sociais, mas dos campos e modos de operação comuns a todas as sociedades tais como política, economia, etc.

Importa lembrar, na definição de Lévi-Strauss (2008, 301) que; “a noção de estrutura não remete à realidade empírica, e sim aos modelos construídos a partir dela.” Assim, certamente o campo da economia ou da política ou mesmo a própria sociedade não são instituições que tem uma existência em uma realidade empírica, são antes abstrações a respeito dessa mesma realidade empírica. Essas abstrações têm em comum o interesse pela permanência, por aquilo que se repete de um grupo humano a outro.

Os estudos estruturais procuram dar conta das realidades coletivas, aquelas em que o comportamento do sujeito é estruturado por convenções coletivas. Ao contrário do que pode parecer ao se ouvir as críticas sobre o estruturalismo, ele não parte da pressuposição de que o sujeito não é capaz de agir de forma a contrariar os comportamentos coletivamente estruturados, apenas ele se interessa pelas situações em que o sujeito não o faz e se interroga sobre os porquês dessa atitude.

Assim, no campo do turismo esse paradigma metodológico poderia ser empregado para o estudo dos comportamentos coletivos do turismo de massa e a forma como afeta turistas, comunidades locais e outros grupos envolvidos. Sua explicitação é fundamental para fornecer aos alunos uma compreensão sistemática das formas como ela importa à explicação de fenômenos sociais.

Outro paradigma epistemológico a ser considerado na disciplina de metodologia científica para o curso de turismo é a fenomenologia. Como defendido por Panosso Netto (*Op. Cit.*), a utilização do método fenomenológico nas pesquisas em turismo se mostra válido para preencher as lacunas deixadas pelos métodos estruturais de pesquisa. Seria também um esforço na compreensão das relações não mercadológicas envolvidas no turismo, já que este pressupõe sujeitos que comportam tanto um mundo em sociedade, quanto um mundo interior carregado de subjetividades e de significações próprias.

A fenomenologia pode ser definida como a “ciência dos fenômenos”, entendendo *fenômeno* como tudo aquilo que se revela, que se mostra por si mesmo e *fenomenologia* as “coisas em si mesmas”. Como menciona o autor, ao se apreender um fenômeno, ou seja, tudo aquilo que se apresenta no mundo, o sujeito está apreendendo *como* o fenômeno se apresenta.

Assim, pode-se melhor definir fenomenologia como: “[...] deixar fazer e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. É este o sentido formal da pesquisa que traz o nome de fenomenologia. Com isso, porém, não se faz outra coisa do que exprimir a máxima formulada anteriormente – “para as coisas elas mesmas!”.” ( HEIDEGGER, *Op.Cit.*, p . 65).

Na abordagem dada por Merleu-Ponty (1999), os estudos fenomenológicos podem ser definidos como o esforço de buscar a essência do mundo, tal como ele se mostra para as pessoas, antes de qualquer tematização. Ou seja, os estudos fenomenológicos se dedicam à compreensão do mundo como as pessoas percebem a partir de suas vivências e experiências com este, e não a partir das tematizações e conceituações feitas pela academia. É um voltar às coisas como elas são, pois é compreender o que elas significam a partir da consciência dos sujeitos. Com isso, pode-se dizer que a fenomenologia se ocupa das intercessões entre os sujeitos, entre o



objetivo e o subjetivo humano. Se a objetividade refere-se a “racionalidade”, ou seja, a capacidade de darmos um sentido para as coisas, a fenomenologia está ligada à capacidade de refletir sobre sucessivas experiências vividas e como estas dialogam com as experiências dos outros.

Através dos estudos fenomenológicos pode-se chegar ao porquê de problemas, pois analisa um mundo construído pelas diversas visões e seus conflitos. Empregada aos estudos do turismo, a fenomenologia oferece o aporte metodológico para se realizar pesquisa que consideram, por exemplo, a subjetividade envolvida nas viagens, as diversas visões de mundo embutidas nas culturas locais, os diferentes afetos e valorizações atribuídos aos lugares, as diferentes formas de se perceber uma paisagem. Mais do que isso, as pesquisas fenomenológicas objetivam entender a capacidade de reflexão e ação dos sujeitos sobre o mundo, assim consideram de extrema importância a compreensão de como essa capacidade se aplica na realidade social analisada.

### **A superação de dicotomias e a teoria das redes.**

A disciplina de Metodologia da Pesquisa também deverá introduzir os alunos a reflexões atuais sobre os conceitos que norteiam as teorias pertencentes às ciências sociais. Mais do que isso, deverá questionar sobre as dicotomias entre pares de conceitos. Como explicitado por Corcuff (2001), o pensamento binário sempre esteve presente nas ciências sociais. Este fato pode ser comprovado nas séries de pares de conceitos que, supostamente, se oporiam entre si. Herança do cartesianismo e do mecanicismo, o pensamento linear sempre busca coerência através de negações: uma coisa é sempre definida como isso *ou* aquilo. Assim formam-se as oposições e a realidade é tratada de forma dicotômica.

Uma das oposições mais marcantes na sociologia é entre sujeito e objeto e, desta forma, do que vem a ser objetivo e subjetivo. Esta oposição desconsidera e, mais do que isso, condena as interações entre o observador e o observado. A meta a ser alcançada nas pesquisas era o distanciamento com o objeto, a fim de alcançar uma suposta objetividade científica. Há também a oposição entre o individual e o coletivo, entre sociedade e indivíduo. Esta oposição foi reforçada por autores como Durkheim (*apud*

Corcuff, 2001) que defendiam ser a sociedade uma entidade específica e o coletivo algo com consciência própria, que ultrapassa as consciências individuais e as influencias.

O sistema binário nas ciências sociais e as diversas oposições criadas resultaram em grandes entraves para os pesquisadores. Como explicar somente os fatos sociais dentro de um materialismo que sempre escolherá, dentro de um sistema, variáveis que pré-determinam até mesmo o campo das representações? E como negar, com um idealismo extremo, as influências da carga histórica nas condições atuais de uma sociedade? Por sua vez, como separar, em especial nas ciências sociais, sujeito de objeto se, o próprio objeto de pesquisa é um sujeito? Em relação à dicotomia individual/coletivo como não reconhecer as múltiplas identidades presentes em cada indivíduo, que produzem e são produzidos por relações sociais múltiplas?

Estas formulações surgem do reconhecimento de que as linhas de pensamento que nortearam as ciências sociais se tornaram insuficientes para apreender a complexidade dos fenômenos sociais. Diante desta complexidade, a mudança de paradigma deve prever o uso de mais “e’s”, ou seja, de admitir que os fenômenos se apresentam como isso e aquilo ao mesmo tempo, superando assim, o pensamento - *ou* isso *ou* aquilo - do sistema linear.

O sociólogo alemão Norbert Elias já em 1939 dedicou-se a desvendar não somente essas dicotomias, mas também todo o sistema de pensamento que trata como opostos termos como indivíduo e sociedade. Segundo Elias (*Op. Cit.*), faltam modelos de pensamento que permitam a compreensão da sociedade como algo que transcende a mera soma de indivíduos isolados. Falta também a percepção de que esta sociedade segue caminhos não pretendidos ou planejados pelos indivíduos que a compõem. Nesse sentido, para se compreender como a estrutura da rede humana e a estrutura do indivíduo se modificam ao mesmo tempo, é preciso, de certa maneira, compreender a sociedade e o indivíduo como sendo entrelaçados e dinâmicos. Um só existe a partir do outro e ambos se constroem e reconstroem constantemente “[...] é assim que cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar” (ELIAS, 1994, p.35).

Somente ao abordar os conceitos presentes em ciências sociais superando as dicotomias é que o aluno de metodologia em pesquisa poderá compreender a

dinamicidade, a heterogeneidade e as ambigüidades presentes na realidade social que o cerca. O segundo passo a ser dado é inserir este aluno na compreensão do termo *rede*, utilizado por Elias (1994) e difundido amplamente por Latour (2004). Para o autor, o estudo das redes não significa propriamente analisar o fluxo de informações, mas as transformações constantes existentes nestas. Ou seja, interessa ao pesquisador analisar a fabricação dos fatos, sujeitos e objetos frutos de vínculos dos mais diversos. Indo além, o objetivo é saber os efeitos do que está sendo produzido e como estes são distribuídos pelos diversos atores desta rede.

A noção de rede aparece válida na abordagem sobre os métodos de pesquisa em turismo, pois aponta para novos problemas de pesquisa a serem investigados. Os produtos e os efeitos de uma rede social em constante transformação e hibridização permeiam a atividade turística assim como os conflitos e os interesses nela também existentes. Assim, torna-se pertinente entender como a capacidade de ação, criação e associação dos sujeitos, envolvida nessa dinâmica, produz efeitos sobre a atividade turística.

### **Mediações, Interesses e Negociações no processo de produção de conhecimento.**

Faz parte da teoria que deve ser discutida para a iniciação à pesquisa e, portanto, na disciplina de Metodologia Científica, os meios e as condições através dos quais o conhecimento chega a ser produzido. A seguir serão discutidos alguns desses aspectos e seu enquadramento na disciplina conforme a proposta aqui visualizada.

A questão das mediações, conforme pensada por Latour (2004), compreende os instrumentos por meio dos quais o conhecimento é produzido. O trabalho do autor ganhou notoriedade por investigar os procedimentos de produção de conhecimento de ponta das *hard sciences*, oportunidade em que demonstrou que eles têm muito pouco da objetividade preconizada.

As redes de relações pessoais, as afinidades, bem como os grupos de interesse são todos *bias* importantes a ser analisados no processo de produção de pesquisa e a ser discutidos na formação de um pesquisador. Quanto mais consciente estiver o pesquisador das conseqüências subjetivantes dos meios, mais capaz ele será de lidar

com elas não mais com uma pretensão falsa de objetividade, mas assumindo a subjetividade como parte do processo.

Os interesses subjetivos, individuais ou coletivos, fazem parte integrante do processo de produção de conhecimento. Alguns deles são francamente assumidos como agendas coletivas, tais como os interesses ambientais que fazem parte de todas as agendas de pesquisa de grandes instituições contemporâneas. Outros passam de forma muito mais sutil e até desapercibida. Os autores da escola de Frankfurt de Horkheimer e Adorno, com especial ênfase em Marcuse e Benjamin foram aqueles que em meados do século XX demonstraram de forma inequívoca que não há conhecimento sem interesse. Essa é uma questão que não pode ser deixada de lado nas discussões da Metodologia Científica.

Os interesses, no campo do turismo, são os mais diversos e conduzem a orientações de pesquisa diversas também. O interesse ambiental orienta estudos como os de capacidade de carga e impactos ambientais. O interesse econômico e a agenda de crescimento econômico motivam pesquisas sobre fluxos de demanda, perfil de turistas e consumidores, bem como potencial de atrativos. Interesses políticos diversos orientam também os estudos sobre impactos sócio-culturais e infra-estruturais do turismo de massa. Muitas dessas agendas de pesquisa, orientadas por grupos de interesses específicos, ligados ou não a grupos ideológicos, podem se passar por apolíticas, como menciona Latour (2004), mas todas elas têm motivações e conseqüências notadamente políticas. Essa explicitação também faz parte das discussões da disciplina de Metodologia, sem as quais eventualmente estarão sendo formados pesquisadores que não tem a dimensão das conseqüências políticas de suas orientações teórico-metodológicas.

As negociações dos processos de produção de conhecimento são também matéria de fundamental interesse para a formação de pesquisadores. O processo de conhecimento, como mencionado por Latour (2004) passa necessariamente por procedimentos de tradução. Esses procedimentos são os que fazem a mediação entre o pesquisador que produz determinada teoria e os alunos de cursos de graduação da área, ou mesmo entre as realidades empíricas analisadas pelos pesquisadores e esses mesmos alunos. Para que uma realidade empírica se torne uma teoria e essa chegue às salas de

aula existem diversas formas de mediação, desde as múltiplas divisões do campo acadêmico e seus respectivos movimentos de difusão (eventos e revistas científicos de área) até as mediações de tradução de linguagem e de códigos de área.

Assim, o conhecimento que chega ao aluno em sala de aula é substancialmente diferente do conhecimento produzido pelo pesquisador, este último já bastante diferente da realidade empírica. Essa questão, além de ser explicitada é provavelmente uma questão sobre a qual seria necessário fazer incidir um esforço. Se essas discussões fizessem parte da formação de jovens pesquisadores, ainda na graduação talvez se estivesse mais próximo na atualidade de seguir o pensamento axiomático de Castro (2002 p. 123-4) para quem o esforço antropológico (que se pode comparar ao esforço científico de produção de conhecimento): “Não se trata de uma interpretação **do** pensamento ameríndio, mas de realizar uma experimentação **com** ele”. O autor sugere que o esforço do pensamento científico pode ser o de experimentar pensar **com** o outro, ao invés de **sobre** o outro ou **como** o outro, de forma a que seja possível realizar uma experimentação com seu mundo conceitual. Essa proposição, se tomada em sua radicalidade no processo de formação de pesquisadores, do qual o ensino de metodologia faz parte poderia conduzir a uma nova maneira de perceber o conhecimento científico.

### **A ética nas pesquisas em turismo.**

A discussão sobre a ética que deve envolver as pesquisas em turismo também é uma importante pauta a ser debatida na formação dos futuros pesquisadores. Pode-se tratar a questão da ética sobre diferentes aspectos: a ética em relação aos meios utilizados para obtenção de dados, a ética envolvida na divulgação destes dados, a ética que envolve os impactos provocados pela pesquisa realizada.

Sobre o primeiro aspecto – os meios utilizados para a obtenção dos dados – Debert (2003), afirma que deve-se considerar o consentimento dos entrevistados, a capacidade destes em entender o trabalho proposto e as formas de coerção que podem estar envolvidos na relação entrevistado/entrevistador. Em relação à ética envolvida na divulgação dos resultados, deve-se realizar uma projeção dos riscos envolvidos na

publicação destes, pois os impactos provocados pela pesquisa realizada não podem “[...] constranger, humilhar ou trazer prejuízos para as populações estudadas” (Debert, *Ibd.*).

Os crescentes debates sobre a diversidade racial, cultural e de gênero devem ser considerados nas pesquisas também de forma ética. Para as minorias, as pesquisas acadêmicas podem exercer o papel de legitimadores de suas reivindicações, e até mesmo serem utilizadas para ganhos sociais imediatos – como no caso de minorias indígenas que obtêm a demarcação de suas terras através de laudos/estudos emitidos por antropólogos.

Em turismo a diversidade cultural deve ser respeitada através de uma ética que exalte as inúmeras formas de afetividade e criação dos seres humanos. Mais do que isso, exalte as diversas formas de ser individualmente e de se entender enquanto comunidade, ou seja, de significar e (re)significar seu mundo. A diversidade biológica também deverá ser respeitada de modo ético nas pesquisas em turismo que deverão exaltar a importância do manejo sustentável das áreas apropriadas pela atividade, bem como a manutenção da relação entre ambiente-população local.

### **Considerações finais**

Ao longo desse trabalho se procurou estabelecer uma proposta de desenvolvimento temático para a disciplina de Metodologia Científica para o curso de Turismo. Essa proposta visa um contemplar uma realidade renovada, na qual a pesquisa se coloca diante de desafios de grande magnitude. O roteiro temático aqui apresentado baseou-se em formulações de Bruno Latour (2004) sobre a Teoria do Ator Rede. Essa teoria coloca a discussão científica contemporânea diante de algumas de suas maiores dificuldades tais como a confrontação com o esgotamento da objetividade tal como proposto pelo positivismo, bem como uma conjuntura social que coloca desafios de interculturalidade ao conhecimento.

Estruturou-se uma proposta de disciplina baseada em alguns aspectos temáticos tais como as teorias, as redes, os interesses, as mediações, as negociações e a ética na pesquisa. Dentro desse roteiro se estruturou um debate considerado fundamental para a formação de futuros pesquisadores e que deveria compor a agenda de formação da

disciplina de Metodologia da Pesquisa. Demonstrou-se que a formação de pesquisadores deve estar preocupada fundamentalmente com as conseqüências do processo de conhecimento do ponto de vista prático, teórico e da ética.

### **Referências**

- CASTRO, E. V. O nativo relativo. In: **Mana** 8 (1) 2002, p.113-148
- CORCUFF, P. Algumas oposições clássicas em ciências sociais. In: COURCUFF, P. **As novas sociologias**. São Paulo: EDUSC, 2001.
- DEBERT, G.G. Poder e ética na pesquisa social. In: **Ciência e Cultura**. V.55 n.3 São Paulo-SP Jul/Set, 2003
- DENCKER, A. F. M. **Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 2007.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FREIRE, L. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica**. **Revista Comum**. Rio de Janeiro, v.11, no 26, p.46-65. Janeiro/junho, 2006.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.
- MERLEAU-PONTY. M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CAMÂRA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR - **Resolução Nº 13, de 24 de Novembro de 2006**. Brasília-DF, Governo Federal, 2006
- MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. 2 ed. São Paulo: Contexto
- NETTO, P. A. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.
- RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica. Para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo-SP, Loyola, 2002.
- SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007